

FORMAS DE HUMANIDADE: CONCEPÇÃO E DESAFIOS DA MUSEALIZAÇÃO

Apresentação: o discurso expositivo como um dos produtos do processo de musealização.

No dia 12 de dezembro de 1995 o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo abriu à visitação pública a exposição de longa duração **“Formas de Humanidade”**.

Com este evento inaugural, o MAE estabeleceu a plataforma básica de sua proposta de divulgação científico-cultural, rearticulou o seu contato direto com o público por meio museológico e apresentou a sua nova face de responsabilidade patrimonial uma vez que esta face vem sendo delineada desde 1989, a partir da emissão da Portaria nº 2073 que fundiu algumas unidades da USP ou partes delas, criando o novo Museu de Arqueologia e Etnologia.

Com esta exposição a instituição pretende divulgar as várias formas que a humanidade vem dando, ao longo do tempo, às diferentes matérias-primas e às manifestações sócio-culturais. Cabe ressaltar que este discurso expositivo tem caráter sintético e panorâmico e está apoiado, prioritariamente, na evidência material da cultura. Da mesma forma, deve ser sublinhado que os temas decorrentes da proposta temática central foram escolhidos a partir da potencialidade do acervo institucional. Este acervo, por sua vez, corresponde às coleções arqueológicas e etnográficas brasileiras, etnográficas da África e arqueológicas do Mediterrâneo e Médio-Oriente. Embora o MAE ainda guarde outras coleções, distintas às que fazem parte desta mostra.

Assim, após cinco anos de discussões, elaborações, constituição de comissões, estabelecimento de distintos processos de

trabalho, aproximações sistemáticas entre docentes e técnicos, contratações, entre tantos outros procedimentos, é possível afirmar que esta exposição — que também deve ser encarada como um produto visível de um processo de musealização — apresenta a seguinte divisão:

Setor A: Brasil Indígena

- módulo 1: Origens e Expansão das Sociedades Indígenas
- módulo 2: Manifestações Sócio-Culturais Indígenas

Setor B: África: culturas e sociedades

Setor C: Mediterrâneo e Médio-Oriente na Antiguidade

- módulo 1: Pré-História Européia
- módulo 2: Egito
- módulo 3: Mesopotâmia
- módulo 4: Grécia e Roma

Esta breve apresentação poderia ser considerada como a descrição de um produto com características expositivas. Entretanto, apresentar este produto, no âmbito de um processo de musealização, torna esta questão infinitamente mais complexa.

Tentarei tratar, então, dos **aspectos constitutivos** deste processo e da **natureza dos procedimentos** inerentes à construção de um discurso expositivo, passando pelos bastidores deste trabalho e colocando alguns caminhos prospectivos que, a partir de agora, emergem da exposição.

Preliminarmente, considero fundamental apresentar os conceitos, a partir dos quais, venho elaborando a idéia de musealização.

Por musealização entendo o processo constituído por um conjunto de **fatores** e diversos **procedimentos** que possibilitam que parcelas do patrimônio cultural se transformem em herança, na medida em que são alvo de preservação e comunicação.

Segundo Shanks e Tilley (1987), “musealização é a elaboração de um sistema estético para criar significados”. Esta

elaboração, por sua vez, é fundamental para a consolidação da Museologia, mas diz respeito, também, a outras áreas de conhecimento, na medida em que a proposição deste “sistema estético musealizado” representa não só a convivência mental com as questões ligadas aos sinais, imagens e símbolos, mas, sobretudo a implementação de procedimentos adequados ao reconhecimento, tratamento e extroversão dos sentidos e significados dos indicadores da memória. Neste sentido, adentra-se por um lado, nos campos da documentalidade dos segmentos patrimoniais que são alvo de musealização, por outro lado, não deve ser negligenciado os campos da fruição, apropriação, educação e transformação.

Cabe salientar que o encontro desse dois **campos** indica e delimita o tênue território que alguns reconhecem como o **núcleo do universo de musealização**. Deste universo, evidentemente, fazem parte **fatores** históricos (ligados às coleções, às áreas de conhecimento e ao próprio museu), e as reais possibilidades de implantação de **procedimentos** curatoriais adequados à preservação e comunicação (questões técnicas).

Nesta vasta área que consagra a importância dos museus e reitera a sua função social, a Museologia se interessa, especialmente, em administrar e conservar a informação contida nos objetos (que sempre é decodificada por outra área de conhecimento) e também em organizar novas maneiras de informação, por meio da elaboração de discursos expositivos e estratégias pedagógicas.

É importante frisar que a relevância dos museus na contemporaneidade extrapola, e muito, o universo de interesse da Museologia. Basta lembrar das pesquisas básicas, das publicações, da existência de bibliotecas, do ensino, entre muitos outros aspectos.

A partir dessas considerações, o discurso expositivo “Formas de Humanidade”, entendido como um importante produto do processo de musealização que está sob a responsabilidade do MAE,

traz uma historicidade bastante particular e características museográficas interessantes para serem analisadas.

Primeira Parte: Coleções Arqueológicas e Etnográficas como a alma do processo de musealização: *o passado condena ou redime?*

Como foi explicitado anteriormente, esta exposição é constituída a partir da articulação de coleções provenientes dos olhares da Arqueologia e Etnologia. Estes, de uma forma geral, têm uma histórica cumplicidade com o colecionismo e com os museus.

Independente das características do MAE, que serão abordadas mais à frente, essas coleções merecem alguns comentários. Talvez fosse pertinente colocar algumas indagações.

A Arqueologia e Etnologia que têm sido responsáveis pela evidenciação e explicação de tantas características das sociedades, como têm influenciado para que o patrimônio cultural se transforme em herança?

Estas mesmas áreas de conhecimento, que tanto devem aos museus, como têm contribuído para que estas instituições enfrentem os questionamentos contemporâneos?

Um rápido levantamento bibliográfico nos informa que a história do colecionismo e dos museus têm elementos tão marcantes que até hoje ainda determinam o perfil dos processos de musealização.

Este assunto, para os profissionais de Museologia, é sempre um tema candente e revelador. É fundamental conhecer e entender as idéias e mentalidades subjacentes à realidade das “Reservas Técnicas”, dos “Laboratórios de Pesquisa” e dos “Depósitos”, ou seja: porque e como estes objetos estão nos museus.

Muito pode ser dito. Entretanto, neste momento devem ser lembrados alguns aspectos fundamentais.

De acordo com alguns autores, é possível perceber que o colecionismo e todos os seus derivados sócio-culturais, pertencem intrinsecamente às estruturas de longa duração, no que diz respeito à história das idéias e mentalidades dos homens desde o Renascimento.

Neste sentido, deve ser enfatizado que a coleção e por consequência o colecionismo, ao longo do tempo, demonstram sempre duas faces ligadas aos homens e às sociedades. Por um lado, a guarda, a valorização, a apropriação desenfreada dos objetos têm demonstrado a necessidade dos homens de transporem a sua própria finitude e, portanto, expõem a vulnerabilidade humana frente ao desconhecido, ao passado e ao inatingível. Por outro lado, esses mesmos objetos e coleções podem ser interpretados como fortes elementos de ostentação, de poder, de traição, de roubo, entre tantos outros aspectos que sempre evidenciam a necessidade dos homens e das sociedades de demonstrarem a sua onipotência.

Assim, a grande e mais forte herança que o colecionismo gerou está relacionada ao **conceito de posse**. A posse material e espiritual, o domínio não só das **coisas**, mas o poder em transformá-las em símbolos. Um poder pouco partilhado e que quando o era, tinha a real função de demonstrar ostentação.

É possível afirmar que todo o esforço das instituições museológicas, desde o século passado, tem sido orientado no sentido de possibilitar a apropriação mais ampla dos objetos e coleções. Entretanto, os caminhos e as razões que levam estes mesmos objetos aos museus, ainda hoje, estão impregnados de conjunturas complexas e não muito claras.

A partir do exposto, é possível considerar que o processo de musealização, carrega, implicitamente, uma contradição, ou seja: os olhares seletivos que são responsáveis pela preservação patrimonial (tanto o olhar do poder econômico, quanto o do poder acadêmico)

são impulsionados por uma realidade muito distinta daquela que emerge a partir de um fenômeno de comunicação.

Pessoalmente, prefiro considerar que o processo de musealização tem potencialidade de conciliar estas duas vertentes, a partir da compreensão de que elas existem. Para tanto, seria necessário que as instituições tentassem articular e controlar três grandes níveis de sua organização:

- Planejamento Institucional (planejamento estratégico)
- Gerenciamento da Informação (conservação e documentação)
- Comunicação Museológica (exposição e ação educativa)

“**Formas de Humanidade**” é uma exposição que, por um lado, traz a complexidade do perfil patrimonial captado por intermédio da Arqueologia e Etnologia e, por outro lado, nasceu em uma conjuntura institucional — igualmente complexa — que ainda não equacionou as três questões básicas apresentadas anteriormente.

Neste sentido, revisitando as idéias de Pomian (1984) é possível afirmar que o acervo que representa a alma desta exposição é proveniente de uma visão tradicional de museu. Assim, temos coleções que são legítimas representantes dos museus arqueológico-artísticos (MMO - Mediterrâneo e Médio Oriente), ou também dos museus arqueológico-tecnológicos (Pré-História), da mesma forma existem as coleções etnográficas oriundas de uma coleta exaustiva - peculiar ao primeiro quartel deste século, ou mesmo objetos esparsos provenientes de coleções particulares.

É evidente que essas características induziram diferentes aproximações científicas, configuradas nas distintas identificações das próprias coleções que, via de regra, estão atreladas às diferenciadas estruturas mentais das antigas instituições que deram origem ao novo MAE.

Com isso quero afirmar que a **alma desta exposição** carrega conflitos inerentes à natureza e história das próprias coleções, que

são somados aos conflitos evidentes da nossa conjuntura institucional.

Se é verdade afirmar que a **fusão**, além de criar uma nova instituição, foi responsável pelo rompimento com antigas tradições profissionais, é evidente que esta análise atinge, também, as exposições que foram produzidas até 1989. Um levantamento na documentação que foi possível guardar nos mostra o quanto estas tradições eram diferentes entre si.

A partir da constatação desses conflitos de alma e consciente de que uma proposta de comunicação museológica - dentro de uma visão contemporânea de museu - tem a potencialidade e a necessidade de propiciar a superação de certas características que podem ser prejudiciais a uma instituição moderna e eficiente, a proposta museológica de **“Formas de Humanidade”**, arriscou, transgrediu, e transformou. Por isso a sua elaboração foi longa, tortuosa e terminou deixando a sensação de que poderíamos ter ido mais longe.

A forma desta proposta (ou o partido museográfico) tentou minimizar esses conflitos e distâncias, mas, desde o início, foi marcada e delimitada pelo espaço disponível e pelas condições logísticas (da verba à equipe técnica).

Assim, a proposta museológica desta primeira exposição conjunta (é possível arriscar e afirmar que este é o primeiro produto coletivo do novo MAE) aborda temas ligados às diferentes formas de manifestação e organização sócio-cultural representadas pelas coleções da instituição.

Neste sentido, as linhas de pesquisa e os enfoques dos inúmeros projetos científicos do MAE, estão subliminarmente inseridos na elaboração desta exposição.

“Formas de Humanidade” tem como proposta temática a apresentação de um perfil sintético das sociedades que produziram as expressões materiais, que hoje estão reunidas no acervo da

instituição. As diferentes formas de subsistência e organização econômica, as conquistas tecnológicas que norteiam a elaboração e transformação dos artefatos, as formas de celebrações sociais que marcam e diferenciam o cotidiano dos grupos humanos, as distintas formas de representação e de apropriação da natureza, estão na gênese da construção deste discurso expositivo; ao lado das expressões artísticas e ritualísticas.

As preocupações que conduziram as discussões conceituais e a concepção museológico-museográfica desta exposição procuraram superar, sobretudo, as lacunas provenientes da nossa conjuntura institucional - especialmente registradas na constituição do acervo e na orientação das linhas de pesquisa.

O exercício coletivo necessário ao detalhamento temático, ao refinamento do enfoque conceitual, ao estabelecimento de idéias comuns, capaz de aproximar os três setores expositivos já mencionados, encontrou barreiras naturais, no que diz respeito aos processos de aproximação e estranhamento pertinentes à trajetória da instituição. É evidente que a exposição traduz esta problemática.

Entretanto, este discurso museográfico - **datado** - demonstra, para um fruidor mais perspicaz, os limites e reciprocidades, não só entre as sociedades estudadas pelo MAE, mas, sobretudo, inerentes ao momento institucional.

Desta realidade, subjacente ao processo de musealização, pode-se extrair duas reflexões. Por um lado, é possível afirmar que esta exposição não **expõe** as veias abertas e transbordantes a partir do momento da fusão, que não deixaram ainda aflorar a importância do surgimento de um museu novo. Por outro lado, é estimulante pensar que esta exposição de longa duração **significa** o primeiro capítulo concebido, registrado e vivenciado em conjunto por toda a instituição.

Retomando as palavras de Shanks e Tilley (1987), quando afirmam que “musealização é a elaboração de um sistema estético

para criar significados”, penso que este processo tem sido muito mais **significativo** para nós mesmos - profissionais do MAE.

Segunda Parte: Os Bastidores: a saga de uma conjuntura ou a visualidade de um processo.

Os trabalhos de aproximação, reconhecimento, decodificação e explicitação desta proposta museológica, que de uma intenção foi transformada em realidade, ocuparam os profissionais do MAE ao longo dos últimos seis anos.

A princípio, a Comissão de Implantação do Novo MAE considerou - acertadamente - que uma nova exposição deveria ser organizada após a solução das questões fundamentais para uma nova instituição (organização do acervo, estruturação de linhas de pesquisa e construção de um novo espaço institucional). Em seguida, problemas relacionados à dramática mudança de sede e à necessária adaptação deste novo edifício institucional, adiaram mais uma vez a priorização deste projeto. Cabe lembrar, também, que as dificuldades internas que levavam os profissionais a distintos entendimentos do que deveria ser a nossa exposição básica, ao lado da crônica falta de disponibilidade orçamentária, também são responsáveis pelo mencionado adiamento.

Assim, de adiamento em adiamento é possível indicar a seguinte cronologia:

Processo de Musealização

- CRONOLOGIA -

- 1990:** - Primeiro exercício de aproximação museográfica, propondo a unificação das duas exposições localizadas no edifício do CRUSP (ex-IPH/MAE) - **não realizado** -
- Retirada da mostra “O Cotidiano na Arqueologia” para introdução de um setor sobre Etnologia Brasileira - **não realizado** -
- 1991:** - Constituição da primeira comissão para “pensar” um projeto para os dois andares do CRUSP.
- Este projeto foi formalizado pela Profa. Maria Isabel Fleming - **não realizado** -
 - Constituição da segunda comissão para “pensar” um projeto para a nova sede do MAE
 - Este projeto foi concebido a partir do seguinte eixo central: utilização de diferentes matérias-primas por diversas culturas.
 - Elaboração de planta-baixa e indicação da necessidade de outras exposições - **não realizado** -
 - Elaboração do Programa Técnico-Científico de Museologia, apresentando a proposta de um Sistema de Exposições.
 - troca de alguns nomes da comissão
- 1992** - Mudança do Serviço de Museologia (nova sede) para preparar a exposição.
- Elaboração de um novo projeto (1ª versão de Formas de Humanidade)
 - discussões sobre a divisão espacial

- estabelecimento do circuito/retirada de algumas coleções
- definição dos principais conceitos
- reuniões sistemáticas
- Acompanhamento das adaptações arquitetônicas
- Encaminhamento do Projeto para agências financiadoras (CAPES-PADCT, CNPq, VITAE e BANESPA). Nesta versão já estavam delineados os conceitos fundamentais e o partido museográfico já estava estabelecido.
- Este projeto estava apoiado em três pilares: organização de um atelier de museografia, contratação de profissionais e preparação da exposição.
- Início do longo processo de detalhamento conceitual e museográfico. Em nenhum momento, até a abertura da exposição, este processo conseguiu ser concomitante em relação aos diferentes setores da instituição.

1993 - Aprovação do projeto pela VITAE

- Invasão do CRUSP pelos estudantes (sede do museu)
- Início da elaboração dos trabalhos museográficos (mobiliário e linguagem de apoio)
- Estabelecimento de procedimentos de trabalho adequados à realidade da instituição (coleções não catalogadas, acervo disperso, objetos necessitando de higienização, ausência de especialistas para algumas áreas e dificuldades na coordenação das atividades museográficas)
- Interrupção dos serviços vinculados às reformas do edifício.

1994 - Mudanças na USP e no MAE. Prorrogação no cronograma de trabalho.

- Implementação das pré-montagens e os devidos desdobramentos, no que diz respeito ao estabelecimento de um processo de trabalho linear entre os diferentes setores do MAE.

- Defasagem orçamentária - Recursos da Reitoria que foram alocados institucionalmente.

1995 - A exposição foi colocada como prioridade institucional:

- principais problemas:
 - defasagem orçamentária.
 - defasagem, entre as áreas expositivas, no que diz respeito ao detalhamento conceitual e os respectivos desdobramentos museográficos.
 - necessidade de novos contratos para os trabalhos de programação visual.
 - complicações na concepção e execução dos projetos de iluminação e aeração.

obs.: apesar da declarada prioridade, todos os setores tiveram que responder por outros trabalhos.

- A instituição decidiu, em agosto organizar um mutirão entre os seus profissionais com o objetivo de viabilizar a abertura da exposição.
- O mutirão - a montagem propriamente dita - tem início em outubro e a exposição é aberta à visitação em dezembro.

1996 - Implantação do Projeto de Avaliação

- Implantação da Ação Educativa

Assim, este esforço institucional e exercício coletivo, necessários ao detalhamento temático, ao refinamento do enfoque conceitual, ao estabelecimento de idéias comuns, aproximaram os três setores expositivos e propiciaram um raro momento de entrosamento, entre pesquisadores, técnicos, estagiários e contratados do MAE/USP.

Em uma perspectiva avaliatória é possível considerar que este processo de trabalho, em grande parte apoiado pela VITAE, foi responsável pelo amadurecimento da instituição, no que diz respeito

às suas responsabilidades de extroversão científica. Neste sentido, é importante destacar que mesmo as inúmeras prorrogações em relação ao prazo para o término da montagem desta mostra não minimizaram algumas conquistas que dotaram a exposição de melhores condições museográficas e de conservação.

Na medida em que o trabalho, sobretudo no final do processo, não pôde usufruir das condições desejáveis, é possível constatar que ocorreram dificuldades nas delimitações das responsabilidades entre as áreas científicas (arqueologia, etnologia e museologia) e, entre estas, e os diferentes setores técnicos.

Entretanto, é impossível não reconhecer que no momento identificado por “**mutirão**” vivenciamos uma expressiva experiência de trabalho coletivo. E, sem dúvida, isto ocorreu em um momento chave para qualquer processo museológico: ou seja quando o discurso conceitual começa assumir a sua própria forma e se transforma em **discurso expositivo**.

É fundamental reconhecer que apesar dos problemas e defeitos que identificamos na exposição, não podemos negligenciar a importância deste esforço final.

Resumidamente, pode-se afirmar que a proposta museográfica é apoiada em um código de cores e numa dispersão do mobiliário que distinguem e separam (quando necessário) os três setores, organizam internamente cada setor e indicam o circuito desejável. Ainda como elementos básicos (suporte expositivo), destacam-se as vitrinas e as respectivas gavetas, pois apresentam as idéias fundamentais inseridas em cada setor.

A linguagem de apoio foi concebida para atender a três necessidades:

- a) **identificar/decodificar: etiquetas nominativas.**
- b) **associar/explicar: etiquetas ilustrativas e fotográficas, textos de apresentação e painéis ilustrativos e fotográficos.**
- c) **delimitar/desdobrar: títulos, subtítulos, mapas, cenários, folders.**

A partir da proposta geral sobre a linguagem de apoio, em todos os momentos foi necessário escolher, selecionar, optar. Aliás, procedimentos comuns a qualquer trabalho museográfico. Neste caso, tentamos que estas operações fossem comuns e equilibradas entre os setores.

Cabe destacar que a linguagem de apoio, não só é utilizada como elemento estruturador do discurso expositivo, mas como um agente capaz de minimizar o impacto das diferentes “**falas**” ou dos dos eventuais “**silêncios**”. Tentou-se, também, que estes diferentes recursos não superassem o impacto da exposição do objeto. Reconhecemos que nem sempre conseguimos êxito.

Cada um dos recursos escolhidos (das etiquetas aos folders) desempenha um papel específico nesta exposição e a complexidade de sua elaboração está vinculada direta ou indiretamente, muito mais à conjuntura institucional do que à natureza do próprio recurso.

“**Formas de Humanidade**” é o título que, após várias rodadas de escolha, quando foi possível verificar o quanto algumas pessoas da instituição estavam distantes do processo real ou mesmo outras que aproveitaram as eleições para expressar o seu rancor e desrespeito pelo museu - foi sugerido pela colega, Sonia Dorta, a partir de inúmeros estímulos de outros colegas.

É importante reconhecer que a indicação do nome foi um momento especial neste processo de musealização. Por um lado, aproximou de vez, as três partes, sob a **égide** de um importante conceito. Por outro lado, apontou para os reais desafios de um processo de musealização que pretende abordar as formas de

humanidade que, como todos reconhecem, são infinitas, diversificadas e às vezes imponderáveis.

Com a abertura da exposição ao público, é possível considerar que o MAE superou uma fase crítica de sua atuação enquanto instituição museológica. Entretanto, deve ser reconhecido o quanto ainda estamos vulneráveis e ainda não dominamos todos os assuntos que estão apresentados e o quanto o MAE precisa equilibrar o seu quadro de pesquisadores, sobretudo com a contratação de etnólogos.

Cabe destacar que, em muitas partes a exposição precisa aprofundar a informação que está transmitindo ou aprimorar a forma como o conhecimento está sendo comunicado. Refiro-me, por exemplo às vitrinas sobre a Amazônia pré-colonial, à complexidade inerente à convivência e conflito com os indígenas contemporâneos, à identificação das incontáveis características culturais subjacentes às máscaras africanas, ou ainda um melhor equacionamento da vitrina que abre o módulo sobre Grécia e Roma e o cenário do mesmo módulo, entre outros aspectos.

É evidente que problemas pontuais têm sido identificados e, na medida do possível, superados. Entretanto, o mais importante neste caso, após o momento sublime de abertura à visitação pública, será a implantação de um projeto de avaliação.

As possibilidades de avaliar sistematicamente as formas de apropriação, os ruídos neste sistema de comunicação e as necessidades de mudança, deverão completar um ciclo importante deste processo de musealização. Ainda como parte relevante deste ciclo deve ser compreendida a ação educativa.

Esta, por sua vez, que vem sendo estruturada no âmbito da Divisão de Difusão Cultural, pretende, a princípio, **mediar** as formas de humanidade expostas em relação às diferentes formas de apropriação do público. Mas, esta ação educativa, tem um futuro

promissor pois inúmeros temas e metodologias de trabalho podem desdobrar o discurso expositivo ou mesmo questioná-lo.

É importante lembrar que esta narrativa de longa duração, só será reconhecida como tal, na medida em que a instituição conseguir implementar um sistema de exposições temporárias que demonstre o seu **fôlego**, no que diz respeito à assombrosa quantidade de objetos que está depositado na Reserva Técnica, ou mesmo os inúmeros enfoques científicos que estão norteando as pesquisas institucionais.

Finalmente, mas não menos importante, deve ser salientado que os “**objetos/coleções**” são os atores deste espetáculo, os signos desta sintaxe, os elementos constitutivos deste discurso, mas eles têm vida própria em uma instituição museológica. Circunstancialmente estão reunidos, a partir de uma certa lógica e respondendo a certos interesses, mas, evidentemente, nada impede que sejam deslocados do cenário expositivo para a sala de aula, para alguma atividade educativa, ou outra exposição. Em cada uma destas instâncias, estes mesmos objetos, despertarão sentidos e significados diferentes.

Neste sentido, é importante frisar que “**Formas de Humanidade**” é uma exposição que tem autoria - registrada na ficha técnica -, é datada e tem princípios e propósitos bem definidos.

Sabemos que ela tem a potencialidade de propiciar a fruição de três elementos importantes sobre a condição humana, ou seja:

a diversidade

a temporalidade

a territorialidade

Enquanto desafio institucional, considero que é o primeiro passo que demos em conjunto. Neste sentido, enfrentamos os desafios da musealização.

BIBLIOGRAFIA CITADA:

- POMIAN, K. - Coleção. **Enciclopédia Einaudi/Memória-História**
1. Imp. Nac. Casa da Moeda. Porto (1984)
- Musée Archéologique: art, nature, histoire. **IN: Le Débat.**
Editions Gallimard. Nº 49. Paris (1988)
- SHANKS, M. & TILLEY, C. - Presenting the past: towards a
redemptive aesthetic for the museum. **IN: Reconstructing
Archaeology: theory and practice.** Cambridge University
Press. Cambridge (1987)

obs.: este texto foi apresentado em conferência realizada no Museu
de Arqueologia e Etnologia/USP, São Paulo, em 11.4.96.